

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE MÚSICA**

TEMPO, CICLO E CANÇÃO

Brunno de Souza Bonelli

Porto Alegre
2022

Brunno de Souza Bonelli

TEMPO, CICLO E CANÇÃO

Projeto de Graduação em Música Popular apresentado ao Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Música.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Cruz

Banca examinadora:

Profa. Dra. Luciana Prass

Profa. Dra. Caroline Soares de Abreu

Porto Alegre
2022

CIP - Catalogação na Publicação

Bonelli, Brunno de Souza
Tempo, Ciclo e Canção / Brunno de Souza Bonelli. --
2022.
50 f.
Orientador: Raimundo José Barros Cruz.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Curso de Música: Música Popular, Porto
Alegre, BR-RS, 2022.

1. Composição. 2. Música Brasileira. 3. Cantautor.
4. Canção. 5. Música Popular. I. Cruz, Raimundo José
Barros, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à música por me permitir servir a ela.

RESUMO

O presente projeto de graduação consiste na descrição do processo de produção e composição do projeto artístico *Tempo, ciclo e canção* do cantor e compositor Bruno Bonelli. A obra tem como maior referência sonora a música popular brasileira bem como reflete trajetórias e experiências vividas durante o curso de bacharelado em música popular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O objetivo principal é apresentar cinco canções escolhidas abordando processo de composição, análise das letras e concepções que as permeiam. O processo descritivo aborda o EP de forma geral e mergulha em cada faixa de modo a desvelar a relação do autor com suas escolhas em todas as etapas que a canção passou até seu fechamento. Explícita, ainda, como cada canção e o projeto como um todo mostram-se influenciados pelos oito anos de curso .

Palavras-chave: Gravação de EP; Composição; Música Popular.

ABSTRACT

This graduation project is a description of the process of production and composing of the artistic project *Tempo, ciclo e canção* by singer-songwriter Brunno Bonelli. The work has Brazilian popular music as its main sound reference as well as it reflects the paths and experiences lived through during the Bachelor's course in Popular Music at the Federal University of Rio Grande do Sul. The main goal is to present five selected songs approaching the composition process, analyzing the lyrics and the concepts within them. The descriptive process tackles the EP in general and dives into each track so as to unveil the relationship of the author with each choice throughout every step of making the song up to its closure. It also uncovers how each song and the project as a whole were influenced by the eight years of graduation.

Keywords: EP Recoding; Composition; Popular Music.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Corra se puder; motivo e variação	31
Figura 2 - Corra se puder; resolução.	33
Figura 3 - Para onde vai; primeira parte.	37
Figura 4 - Para onde vai; segunda frase.....	38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. PAPEL EM BRANCO	14
2. DOZE NOTAS	20
3. CORRA SE PUDER!	28
4. PARA ONDE VAI.....	34
5. ONDE A MÚSICA LEVAR.....	41
CONCLUSÃO	46
REFERÊNCIAS GERAIS	50

INTRODUÇÃO

A música sempre esteve em mim como algo adormecido que vai acordando aos poucos. Essa relação, sem minhas recordações, certamente começou nas vivências familiares sempre regadas a violão e cantoria. As primeiras lembranças mais lúcidas, não por acaso, são nestes mesmos ambientes. Das memórias da infância, o gosto pelo ritmo. O som da máquina de lavar, a secadora de roupas, um motor ligado, o pisca-pisca do carro sendo analisado com todos os outros automóveis, a relação do som com a luz, como nunca se encontravam, o limpador de para-brisa e a batida da música que tocava no rádio. As sincronias de movimento e som sempre foram coisas que me fizeram mergulhar num universo bem peculiar, que relaciono com o gosto que tenho por ritmo e música.

Ainda nesse campo de desenvolvimento infantil as lembranças de minha mãe tocando violão em casa ou estudando teclado, minhas primeiras tentativas de lições no violão, aulas de flauta doce na escola e a primeira escola de música que frequentei com cerca de 10 – 12 anos me aproximando do teclado, da partitura, da didática musical. Talvez a última lembrança dessa fase que durou seis meses foi do professor na avaliação contando para minha mãe que eu tinha um problema bom e um ruim, e que ambos eram o mesmo: tocar de ouvido. As aulas que assistia eram ao lado de meu irmão, que estudava violão, e o resultado destes seis meses foram a desistência do teclado e a prática do violão autodidata em casa. Essa relação pessoal e íntima com a música durou até os 14 anos, quando participei de encontros de grupos de jovens na Igreja Católica e tive uma iniciação musical coletiva que envolvia apresentações em missas, encontros e reuniões. Uma prática saudável que unia amigos e foi um ponto extremamente importante onde adquiri muita experiência, além da possibilidade de desenvolver a prática de outros instrumentos como contrabaixo e bateria e canto em grupos.

Aos 14 anos, época do ensino médio, tive a oportunidade de entrar num colégio e conhecer colegas com uma relação bem desenvolvida com a música, que já faziam shows em festivais adolescentes. Ao encerrar meu período de participante na religião, comecei a dar os primeiros passos nas pesquisas sobre música e fui descobrindo meu gosto pela música brasileira. Até então, cresci ouvindo um pouco de tudo o que rolava na

rádio, sem grandes descobertas. O Rock brasileiro foi uma veia que tive bem forte através de bandas como Paralamas do Sucesso, Titãs, Barão Vermelho, Lulu Santos, Legião Urbana, Skank e etc. Jorge Ben e Chico Buarque foram artistas que ouvi as primeiras discografias, e a partir destes, o leque foi se abrindo, fui descobrindo uma imensidão de outros tantos nomes como Tim Maia, Caetano Veloso, Antônio Carlos Jobim, João Gilberto, Vinicius de Moraes, Gilberto Gil, enfim, com certeza muitos mais nomes do que os citados.

A forma de conhecer novos artistas era através de pessoas que tinham gostos parecidos, conheciam e poderiam nortear a pesquisa. Havia muitas lojas de venda de CDs, e conhecer coisas novas, na época, estava atrelado a frequentar estes ambientes. Apesar de já existir a internet discada, ainda não era a época dos downloads de MP3. Fui conhecendo e me aproximando de pessoas que também tinham o gosto apurado pela música brasileira e a partir disso comecei a ouvir bossa nova, alguma coisa de samba e também me aproximei do samba-rock de Bebeto e, dentre outros nomes citados, o Trio Mocotó.

Tenho uma recordação que posso dizer que mudou a minha vida na época. Uma prática muito comum era ouvir os CDs nas lojas. Ficavam muitos fones e aparelhos à disposição para que, antes de comprar, o cliente pudesse ouvir um pouco. Ao chegar numa loja dessas com uma lista dos cantores/bandas que eu gostaria de conhecer, lembro do Trio Mocotó como se fosse hoje. Capa laranja, disco “Samba Rock” de 2001. Os 30 segundos que ouvi de cada música mexeram comigo, um CD contagiante do começo ao fim, que canta alegre, soava confortável, algo que eu nunca tinha ouvido, que misturava guitarra, muita percussão, cantos em coro, ali eu descobri um ritmo genuinamente brasileiro, uma mistura criada e desenvolvida aqui e que norteara minha pesquisa musical adolescente por uns bons anos e culminou na criação do meu primeiro projeto musical coletivo: a banda **Calote**¹.

Sem saber, meus colegas de ensino médio estavam passando por um momento musical muito parecido em termos de descobertas e a partir daí nos juntamos em meados

¹ <https://open.spotify.com/artist/0JmASlaVqYzt32IEogr6t5?si=TVz2LEEcSViU6jlm5uty8w>

<https://www.youtube.com/@BandaCalote>

de 2005 para tocar este repertório do que conhecíamos como "samba-rock". Ali naquele universo de troca de ideias, sons e experiências, descobrimos juntos uma infinidade de artistas que defendiam esse sotaque desde as raízes dos seus locais de origem. Beбето, Trio Mocotó, Originais do Samba, Dhema, Banda Black Rio, Bedeu, Luis Vagner Guitarreiro, Grupo Pau Brasil, Marku Ribas, Sandra de Sá, Farofa Carioca, Sandália de Prata, Os Opalas, Farufyno, Casa da Sogra, Clube do Balanço, entre outros tantos que levantaram essa bandeira da música suingada brasileira.

No ano de 2008 a banda ocupou uma grande quantidade de bares e casas noturnas de Porto Alegre com um show voltado para essa energia do suingue e samba-rock, bailes dançantes na Cidade Baixa (bairro de Porto Alegre conhecido pela boemia) que respirava a cultura da música brasileira ao vivo em todos os locais. A partir dessa busca, surgiram as primeiras composições com forte referência na levada dos artistas citados, parcerias em palcos, muitos shows, o leque se abriu e começamos a conhecer mais artistas que flertavam com a música brasileira em geral, não especificamente só em torno do samba rock enquanto gênero musical.

Acredito que as composições são reflexo do que ouvimos, do que somos enquanto pessoas, do que pensamos, mas também do que imaginamos, do que criamos, com ou sem relação com a nossa vida ou com nossas práticas. Na poesia livre, na imaginação livre, na interpretação livre e até mesmo na busca por algo que nunca se viveu. Essa proposição reflete bem o trabalho que desenvolvemos na banda Calote através dos três álbuns com composições autorais: "Roendo Osso" 2013, "A Brasileira" 2016 e "Contando Histórias" em 2019.

A partir de 2006, após o ensino médio, e do lançamento oficial da banda (2008) pelos espaços da capital, passei sete anos (2007-2013) cursando jornalismo na faculdade de comunicação social (FAMECOS) da PUCRS. Nos anos em que trabalhei na área da comunicação em paralelo a música, conheci muita gente especial, tive vivências incríveis, e também tomei a decisão que norteou minha vida desde então: escolhi a música como atividade principal e fonte única de renda. Desde o último ano de faculdade, cursei já sem nenhum vínculo empregatício na área da comunicação. E ao finalizar o curso de jornalismo minha vida já era voltada cem por cento para a música.

Em 2014 voltei os estudos para teoria e percepção musical a fim de ingressar no curso de bacharelado em música popular na UFRGS. Ao saber da aprovação tirei um período de férias com o intuito de me re-aproximar da composição – algo que sempre que fiz foi por demanda em virtude de algum trabalho. Os trinta dias de férias se transformaram num desafio de composição. A ideia foi produzir cada dia algo diferente. O resultado foi satisfatório, me aproximou da criação, da composição, da poesia, do pensamento musical, me preparou para um ano que viria de faculdade de música, e virou uma produção pessoal, um álbum solo chamado “Um samba por dia” (2015).

Na produção do álbum, em paralelo com o primeiro semestre de faculdade de música, vivendo um sonho, conhecendo músicos fantásticos, contando com eles no álbum e também gravando em casa, me aproximando da experiência de produção, arranjos, gravação, captação, mixagem, tudo junto ao mesmo tempo. Foi um período muito importante para meu desenvolvimento pessoal, experiências que sempre me fizeram crer que fiz a escolha correta. Ainda que não tenha problema em – se for o caso – um dia escolher mudar.

O álbum foi lançado em 2015 em todas as plataformas digitais, e é o que tenho hoje de cartão de visitas. Literalmente um álbum experimental, pois foram 24 músicas, sob a ótica do aprendizado e da verba quase inexistente para tocar o projeto. Me orgulho do resultado. Mas minha carreira solo ficou ali.

Durante o curso de MP, a cada semestre uma surpresa, um novo colega, uma nova turma de prática musical, novos professores, novas relações e novas formas de ver a música. E por consequência, novas escolhas, novos gostos, novos artistas.

Da minha relação com a produção - em virtude de outros projetos por prioridade de retorno financeiro - eu me afasto da composição. E acabo nunca dedicando este tempo para mim mesmo. De 2015 pra cá, voltei meu trabalho todo para produções da Calote, lançamos trabalhos em 2016 (“à Brasileira”), e 2019 (“Contando Histórias”), produzimos shows especiais, gravamos um álbum em comemoração aos 14 anos da banda ao lado da Orquestra de Sopros de Novo Hamburgo no Teatro Feevale, e em todas as ocasiões que demandaram, eu compus normalmente. Ou seja, sempre que tem demanda eu faço. Encaro como um serviço de escritório. E não se trata de ser mecânico,

nem de utilizar formulismo. Se trata de enxergar o trabalho como realmente é, de sentar para produzir.

Essa, hoje, é minha verdadeira relação com a composição. E foi justamente este motivo que fez eu escolher como trabalho de conclusão de curso uma produção fonográfica. Trazer de volta o desafio de compor e produzir um novo trabalho artístico pessoal em cima disso, que é o que mais me motiva na música, mesmo sendo o que menos dá o retorno financeiro.

O projeto "*Tempo, ciclo e canção*" é meu diário de bordo. Trago em cinco canções uma relação de trajetória no curso de forma poética, subliminar, bem pessoal, talvez nunca mencionada em alguma letra.

Serão cinco capítulos divididos por canções. Em cada um deles faço análises gerais. A começar pela letra, desvendando trechos, explicando relações que fiz, o que quis dizer e se realmente quis dizer algo. Junto da letra, analiso partes das canções. As relações que o ritmo tem com a letra, a melodia andando junto com a letra, e a harmonia responsável pela unidade sonora.

Uma coisa recorrente no meu processo de composição é a dúvida e a insegurança. Coincidência ou não, o tema da primeira canção permeia essa atmosfera. Tenho como uma espécie de guia que norteia todo o trabalho a questão de ser verdadeiro. A busca para a produção atual é um trabalho com identidade, um formato sincero, e justamente por isso preservei a ordem das canções conforme a data de criação e optei pela gravação em voz e violão, o formato mais "cru" como ela veio ao mundo. Acho que isso reflete bem o momento de cada uma delas.

1. PAPEL EM BRANCO

Ouçã a canção clicando [aqui](#).

Papel em Branco

♩ = 75
Swing

Brunno Bonelli

7 A7M/9 C#7 F#m

13 Bm7 G#m7/b5 C#7 F#m7

20 F#m7/E Ebm7/b5 Dm7/b13 A7M/9

26 G#m7/b5 C#7 F#7M

32 Bm6 G#m7 C#7 B7M Bm6

38 Bbm7 A7M G#m7 C#7 F#7M

44 Bm7 E7 A7M F#7/b13 Bm7 E7

51 A7M F#7/b13 Bm7 E7 A7M F#7/b13 Bm7

58 E7 C6/9 F7M Bb7M A7M/9

PAPEL EM BRANCO

A7M C#7
 Enquanto eu olho um papel em branco é tanta indecisão
F#m Bm7
 Atrás de um canto sem razão de vir a tona
G#º C#7 F#m F#m/E
 Suave como um batalhão em ira plena se faz canção
Ebm7/b5
 Eu agradeço, novo momento,
Dm7/b13 A7M/9
 Espaço lento pra cantar como o voar de um beija-flor
G#º C#7 F#7M
 Existe sina, existe cena, existe palco
Bm6
 E o problema é mais alto
G#m C#7/9
 Do que toca a solução
 B7M Bm6 Bbm7
 E quero que desapareça esse pressentimento
A7M G#m
 Que fala desse meu lamento
C#7 F#7M
 Que vive a me provocar
 Bm7 E7
 Penso numa historia, busco na memória,
 A7M F#7/b13
 Sigo sentimento, luto contra o vento
 Bm7 E7
 E volto, de onde comecei? Sei lá
 Bm7 E7
 Jogo com as palavras, driblo algumas mágoas
 A7M F#7/b13
 Visto o fardamento, corro enquanto é tempo
 Bm7 Dm6 C6/9 F7M Bb7M A7M/9
 E sigo, para onde vou? Sei lá

“Papel em branco” tem esse nome não por acaso. Na iminência de voltar a compor especificamente para o TCC, sem saber por onde começar, sem ter um caminho pré-estabelecido, querendo buscar a verdade do momento, pratiquei a composição no exercício de deixar fluir e sentir o que poderia surgir. Apesar de buscar sempre o meu eu musical, não costumo escrever as coisas que penso de forma literal, gosto de brincar com palavras e usar metáforas, e na primeira frase da música apresento a primeira contradição: falo o que pensei no momento da composição.

*“Enquanto eu olho um papel em branco
É tanta indecisão”*

A harmonia, desde o começo, tem como conceito acompanhar e se relacionar com a temática. Apesar da tonalidade maior, que normalmente transmite uma ideia mais alegre, o tema apresenta uma melodia saudosa e melancólica.

O pulso em três por quatro traz a referência da valsa, e a relação traçada da letra com a música é a valsa enquanto dança, dois passos para um lado e dois para o outro. A canção desenvolve o enredo de forma com que acabe circulando mas não saindo de um lugar propriamente dito, que é a dúvida que trata o tema.

A contradição me persegue: assim que surge a primeira ideia, eu desenvolvo todo o resto com uma facilidade que parece que a canção já estava pronta numa gaveta do cérebro. Percebo que a dificuldade se torna maior em me concentrar e na prática de sentar para compor. Ao traduzir as primeiras ideias na letra, a melodia e a harmonia vêm surgindo e caminhando juntas. O violão junto ao corpo durante todo momento e o gravador de som ligado. O laboratório de ideias se desenvolve através dessa combinação.

*“Atrás de um canto
Sem razão de vir a tona”*

A resposta da indecisão é o canto. E o canto sem razão, sem motivo, não faz sentido. Ao achar um norte, desenvolvo, e começo a usar ideias mais livres, poéticas, abstratas, e até opostas. A ideia de oposição segue na harmonia que abre o segundo

verso com um acorde meio diminuto sobre a palavra “suave”. Enquanto o termo sugere algo leve, o meio diminuto traz uma dose de tensão, que remete às ideias opostas do “batalhão em ira plena”.

*“Suave como um batalhão em ira plena
Se faz canção
Eu agradeço
Novo momento
Espaço lento pra cantar
Como o voar de um beija-flor”*

Gosto de comparações opostas, de brincar com a proposta de não deixar claro um significado, proporcionando várias interpretações mesmo que tenha sido criado pensando em algo específico. Fazer canção com a suavidade de um batalhão em ira plena é tirar da cabeça algo em meio a tantas outras coisas. Mesmo cantando lento e calmo, o exercício é tirar a calma dentro de uma cabeça pensando em problemas, soluções, respostas, perguntas, trabalho, contas, casa, família, enfim, a cabeça de um ser humano qualquer que busca traduzir no papel (em branco) uma ideia nova.

Esse exercício me remete a cabeça “martelando” ideias. A representatividade musical que achei sobre isso foi o movimento descendente do baixo nos tempos fortes, até chegar ao acorde de ré menor, que “quebra” a ideia e retoma a tensão/melancolia do trecho.

Um respiro em meio ao caos. Um novo momento, uma nova composição, num novo espaço de tempo - lento para cantar como o voar de um beija-flor. A última frase do verso brinca com uma comparação semelhante à primeira, onde o batalhão – que não tem nada de suave – é o beija-flor que necessita bater suas asas em uma velocidade altíssima para voar e se mover. A velocidade - em contraponto ao canto lento - é que proporciona um movimento preciso, e daí a relação que faço do canto com a precisão das notas da melodia, criando esse desenho descendente. O verso finaliza sobre o acorde de lá maior, fundamental da tonalidade, representando o fechamento desta primeira ideia.

*“Existe sina, existe cena, existe palco
E o problema é mais alto
Do que toca a solução”*

Dentro desse universo de tentar traduzir os momentos no papel, gosto muito de utilizar o jogo de palavras. O problema que se apresenta inicialmente como a dificuldade de compor tem - em paralelo - a visualização de projeção do trabalho. Ou seja, ao mesmo tempo em que a dificuldade é compor, quando a letra vai se desenvolvendo, eu enxergo a apresentação dela. Como se fosse uma espécie de sina imaginar a cena que acontece – invariavelmente – no palco. Aqui escolhi modular para fá sustenido maior, trazendo um clima mais imponente, que remetesse a algo grandioso, como um palco de um teatro.

O problema ser mais alto do que a solução é parte dessa busca infinita e incessante do músico, do compositor, de alçar voos, tocar as pessoas, sentir o público. A melodia acompanha a altura do problema alcançando uma nota mais alta.

A “solução” que não depende somente do compositor muitas vezes deixa o dito “problema” inalcançável. Harmonicamente falando, sobre a palavra “solução” no compasso 29, o acorde de dó sustenido com sétima menor enquanto V grau, sugere a preparação para retornar ao fá sustenido, enquanto na verdade a harmonia vai para o acorde de si maior, trazendo uma sensação de tranquilidade, suavidade e calma.

A literalidade volta disfarçada de refrão transmitido num misto de ansiedade e desejo de perder as amarras que trazem os bloqueios, a indecisão, essa provocação que insiste em fazer parte do cotidiano do músico.

*“E quero que desapareça esse pressentimento
Que fala desse meu lamento
Que vive a me provocar”*

Enxergo esse trecho anterior “disfarçado” de refrão pois a canção não apresenta essa estrutura “tradicional” com verso, estrofe ou refrão. Ela – na minha concepção – se desenvolve com um início, meio e fim. Logo, o trecho se torna uma passagem como uma calmaria no meio do oceano, em virtude do desenvolvimento da harmonia e da melodia. E chamo de calmaria pois ela leva para um próximo momento “caótico”.

*“Penso numa história, busco na memória
Sigo sentimento, luto contra o vento
E volto, de onde comecei? Sei lá*

*Jogo com as palavras, driblo algumas mágoas
Visto o fardamento, corro enquanto é tempo
E sigo, para onde vou? Sei lá”*

O “caos” citado volta sobre o tema principal da canção: Para onde ir? Qual caminho seguir? Qual ideia e como desenvolver? As questões que antecedem a escrita. O papel em branco, naquele momento, trouxe essas inquietações que se transformaram nessa canção.

O texto expõe essa narrativa confusa, ao ponto de pensar algo, uma história que já vivenciei ou que não existiu. Seguindo um sentimento inicial e ao mesmo tempo sentindo a barreira como se fosse um vento soprando contra. Quando o mesmo sugere a volta ao principio, eu já não sei mais de onde comecei. E essa onda cíclica também acontece na parte harmônica que acaba por reforçar o sentimento do trecho.

A canção se desenvolve, o papel já não está mais em branco, a composição iniciou com a dúvida, passou pela descrição do fazer, pela imaginação da obra pós concebida, pelo desejo de vencer as barreiras e se encerra com a mesma dúvida que começou.

Indo ao encontro das questões apresentadas no texto, a harmonia também faz o seu caminho conforme vão surgindo possibilidades, sugerindo uma progressão final que leva para outra atmosfera, que ainda não havia sido explorada durante a exposição do tema.

2. DOZE NOTAS

Ouçã a cançõ clicando [aqui](#).

Doze Notas

$\text{♩} = 80$ Brunno Bonelli

Am B7 E7 Am

4 A7 Dm Bm7/b5 E7 Am

8 F7M Bm7/b5 E7 Dm7 Bm7/b5

11 Am7 A7 Dm Bm7/b5 E7

15 Am7 F7M Bm7/b5 E7

18 A7M Bm7 E7 A7M

22 F#7/b13 Bm7 E7 A7M E7

26 A7M A7 D6/9

30 Dm6 C#m F#7 Bm7 E7

33 1. A7M A7 2. A7M Bm E7

2

36 A7M Bm E7 A7M G#7

40 C#m F#7 F#m Bm A7M A#°

44 E7M C#7 F#7 B7 Bm7 E7

47 A7M A#° E7M/9 C#7 F#m7 B7

50 E7M/9 Bbm7/b5 Am6 G#m C#7

55 A#m7/b5 Am6 E7M/9

F#7 **F#m Bm E7**

Em comunhão com o toque do tambor

A7M **A#º** **E7M/9** **C#7**

E mesmo que se fale, não deixam que o samba cale

F#7 **B7** **Bm7** **E7**

Nossa raiz, é nossa salvação

A7M **A#º**

E em cada batucada,

E7M/9 **C#7**

Em cada canto uma levada

F#m7 **B7** **E7M/9**

Nos une, pela nossa tradição

A#m7/b5 **Am6** **G#m** **C#7**

São doze notas, o sambista me falou

A#m7/b5 **Am6** **E7M/9**

São doze notas, o sambista me falou

Mesmo gostando de muitas vertentes da música brasileira, sou movido por fases em que gosto de ouvir mais alguns determinados estilos do que outros. O ano de entrada no curso foi um ano que estive muito ligado ao samba, praticando bastante cavaco, ouvindo e tocando em algumas rodas. É um gênero que "anda comigo" há muito tempo. Desde que abracei a ideia de composição para o trabalho de conclusão quis que ele - de certa forma - refletisse um pouco dos momentos que vivenciei dentro da universidade. Nos primeiros semestres era muito comum tocar com os colegas nos intervalos. Não por acaso veio este samba que chamo de "Doze Notas". E ele fala justamente sobre um pouco da minha relação com o samba, de forma praticamente literal.

*Foi caminhando por aí na boemia
Que eu aprendi em, tanta coisa, o meu cantar
E foi no samba passeando em melodia
Que eu escolhi a forma de ganhar o meu quinhão²*

² QUINHÃO - Dicionário Oxford

substantivo masculino - o que cabe ou deveria caber a uma pessoa ou coisa.

Um samba em lá menor, que remete aos sambas antigos, com forte referência de João Nogueira, Paulo César Pinheiro, Paulinho da Viola e Nelson Cavaquinho. Já na abertura, a melodia compra a ideia do texto desde o primeiro momento ao, literalmente, caminhar em uma nota por sílaba, representando mesmo a ideia da caminhada, de ir de um lugar para outro. A divisão rítmica da melodia utiliza da célula que representa o samba - a síncope - do começo ao fim do primeiro verso.

A primeira estrofe conta basicamente sobre essas experiências que me fizeram escolher ser músico. Ouvindo, conversando, nas ruas, esquinas, rodas de samba, assistindo, prestando atenção nos mestres. Aprendi na cultura do samba muito do meu cantar, aprendi a ouvir, a respeitar, escolhi fazer parte desse meio e - usando uma expressão antiga - "ganhar o meu quinhão". Essa vivência aparece na segunda estrofe descrita com detalhes.

*Em cada esquina, um encontro, uma resposta
Do desencontro, uma pergunta, um despertar
Antigamente uma rima quando exposta
Era motivo suficiente pra cantar de bar em bar*

Dos sambas que mais gosto acho difícil escolher algum em específico, mas tenho apreço por um recurso muito usado antigamente nos sambas de raiz: Trocar a tonalidade de menor para maior.

O que se canta na primeira e segunda estrofe, em tom menor, se canta com saudosismo, com paixão, emoção, uma ode ao gênero brasileiro com uma melodia que usa dos recursos de uma canção triste, mas sem necessariamente ser triste. O canto é de orgulho e sentimento.

A partir da terceira estrofe, já na tonalidade de lá maior, se fala do samba com um sorriso estampado no rosto. A tonalidade maior e as palavras mais alongadas trazem uma sensação de conforto e alegria, cita os instrumentos, cita afeto, a própria boemia e as sensações quando se está participando do momento de confraternização que é a roda de samba. Ainda que em tom maior, a estrofe seguinte segue com um quê saudosista, relembando a dita época de ouro do samba, da década de 50, onde situo o ambiente da

roda, com suas limitações técnicas, sem microfone, em volta de uma mesa ou mesmo no meio de um salão e finalizo contando que a história ali não era contada, e sim cantada, sob o olhar da multidão.

O período conhecido como a “época de ouro” da música popular, entre 1930 e 1945, resultou da renovação musical trazida pela criação do samba, da marchinha e de outros gêneros urbanos, do forte crescimento da música caipira, da influência da música nordestina e do aparecimento de um grande número de talentosos artistas — compositores, cantores e músicos (A ÉPOCA de ouro da Música Popular, 2015-2017)

Dentre tantos que utilizaram o recurso da troca de tonalidade no meio do samba, lembro de PRESENTIMENTO (Elton Medeiros / Hermínio Bello de Carvalho, 1968), casualmente também em Lá. Em DOZE NOTAS, a terceira estrofe modula para Lá Maior e transporta o ouvinte / leitor para a mesa de um bar.

*Um samba com carinho e com cachaça
Cavaco, violão, surdo e ganzá
Pandeiro quando toca é o esculacho
Cuíca é um brilho no olhar*

*Um samba lá da época de ouro
Não tinha microfone era só coro
Em volta de uma mesa, ou no meio do salão
A história era cantada sob olhar da multidão*

A quinta estrofe traz muito o conteúdo de algumas discussões musicais que aconteceram no começo do curso. Em relação ao que é plágio, o que é citação, o que é referência, em análises sobre melodias, escolhas rítmicas ou mesmo harmonias parecidas. Ao mesmo tempo, ainda sob a atmosfera da roda de samba, a estrofe exalta o espaço onde todos cantam juntos, sem necessariamente saber quem é o verdadeiro autor do tema.

*Diziam, que este parece com aquele
Que aquilo era coisa de outro autor
Cantavam, sem pudor de peito aberto
Em comunhão com o toque do tambor*

Outra relação que faço ainda - esta menos explícita - é do mistério sobre quem seria o verdadeiro compositor de "Pelo Telefone", o primeiro samba gravado na história da indústria fonográfica brasileira.

A historiografia da música popular no Brasil consagra a gravação da canção "Pelo Telefone" (1916), de autoria de Ernesto dos Santos, o Donga (1890-1974), e Mauro de Almeida (1882-1956), o Peru dos Pés Frios, como um marco da história cultural brasileira. Durante muito tempo ela é tratada como o primeiro registro fonográfico de um samba, condição questionada e atualmente já revista. (...) As circunstâncias da criação de "Pelo Telefone" são complexas e repletas de controvérsias. A autoria exclusiva do samba é questionada por vários compositores contemporâneos de Donga. Eles alegam que a parte central da canção surge nos tradicionais improvisos em reuniões na Casa da Tia Ciata (1854-1933) (PELO Telefone [1916], 2022).

Os dois primeiros versos apresentam harmonia cíclica e melodia simples, acompanhando a ideia e mantendo a tonalidade em lá maior. O terceiro verso é seguido por uma cor diferente, o G#7 enquanto dominante muda a tonalidade naquele trecho para o tom relativo, dó sustenido menor no caso, e que logo retorna para o lá maior no final do verso seguinte em um movimento de II - V - I bastante comum na música popular.

	G#7		C#m
		Cantavam, sem pudor de peito aberto	
F#7		F#m	Bm E7
		Em comunhão com o toque do tambor	

A última estrofe da canção é o meu grito de esperança e resistência da existência e da manutenção do gênero que mais representa nosso país. O gênero musical que conecta o Brasil em meio a tantas culturas regionais tem como uma característica a exaltação através da letra. Minha forma de registrar isso em DOZE NOTAS vem na estrofe que antecede a conclusão.

*E mesmo que se fale, não deixam que o samba cale
 Nossa raiz, é nossa salvação
 E em cada batucada,
 Em cada canto uma levada
 Nos une, pela nossa tradição*

Ao final da canção, o refrão que dá o nome a música e brinca com a questão citada anteriormente sobre plágio, citação, referência, autoria em geral. Nosso entendimento ocidental de música compreende doze notas, então se torna muito improvável que, em cerca de 70 anos de produção fonográfica brasileira, não se repitam ideias, células, motivos. Daí a origem da frase final, que – por pura coincidência - “veio” com a melodia idêntica a um refrão muito conhecido do samba de Zé Ketí “A voz do morro”: "São doze notas, o sambista me falou".

Depois de ter criado a ideia, me dei conta de que a melodia é igual a parte que diz “Eu sou o samba” em um dos refrões mais cantados nas rodas. Como cito em outros trechos do trabalho, nós somos reflexo daquilo que ouvimos, que buscamos, estudamos e tocamos. Então posso dizer que foi uma feliz coincidência cantar reverenciando o nosso samba e encerrar com essa citação melódica dentro de um contexto que fala sobre o nosso ritmo e as nossas referências.

3. CORRA SE PUDER!

Ouça a canção clicando [aqui](#).

Corra se puder

Brunno Bonelli

♩ = 86

C#m7/9

5 F#m7/9

9 C#m7/9

13 F#m7/9

17 C#m7/9

21 F#m7/9

25 C#m7/9

29 F#m7/9

33 C#m7/9 Ebm7/b5

37 D7M C#m7/9



CORRA SE PUDER!

C#m

Está no ar, de frente pra um novo lugar

F#m7/9

Intermitente como temporal

Que lava, esconde, jorra, sem valor

C#m

Um paraíso torna um lamaçal

Esmaga, espanta, mata o seu motor

F#m7/9

Destrói a vida que um dia for

Vibrante como um bom trabalhador

C#m

Foi explorado em qualquer lugar

Mediante uma situação qualquer

F#m7/9

Qualquer situação mediante, foi

Foi explorado em qualquer lugar

C#m

Vibrante como um bom trabalhador

Destrói a vida que um dia foi

F#m7/9

Esmaga, espanta, mata o seu motor

Um paraíso torna um lamaçal

C#m

Que lava escorre, jorra, sem valor

Intermitente como temporal

F#m7/9

De frente para um novo lugar

Como se fosse cantado ao revés

C#m

Esta no ar

***Ebm7/b5**

l:Faz o teu estardalhaço

D7M

Vai no tempo do balanço entra no compasso

C#m

Pega lá tua chuteira amarra esse cadarço

Atravessa essa fronteira com peito de aço :l

F#m7/9

Busca teu espaço

Vence teu cansaço

Pinta com teu traço

Faz teu embaraço

Anda no teu passo

C#m7/9

Corra se puder!

"Corra se puder" carrega o balanço e o pulso do samba de uma forma diferente. Traz no nome uma relação com a parte rítmica da melodia, que foi a primeira ideia que surgiu na concepção do tema. Uma das maiores limitações que sinto na hora de compor - como já citado anteriormente - é a questão de nunca compor com um tema prévio, sempre apostando no acaso. Neste caso não foi diferente. Com o violão no colo dedilhando acordes e levadas aleatórias repousei no tom menor e em uma levada de mão direita na figura da síncopa sem variações.

Vejo e sinto como um samba "travado", "preso" em virtude da mão direita não usar variações. Uma característica que traz o balanço e o suingue do samba são justamente as variações que, no caso do violão, compram a ideia da célula do tamborim (dedos i/m/a) somadas à marcação do surdo (executada com o polegar).

A melodia também abraça a ideia de algo mais "engessado". A primeira frase é a responsável pelo desenvolvimento das próximas, como pergunta e resposta, que criam esse padrão durante a primeira parte do tema. O repouso da melodia no ré sustenido, nono grau de dó sustenido menor também colabora com o clima de suspense, por ser uma nota de tensão que não compõe a tríade.

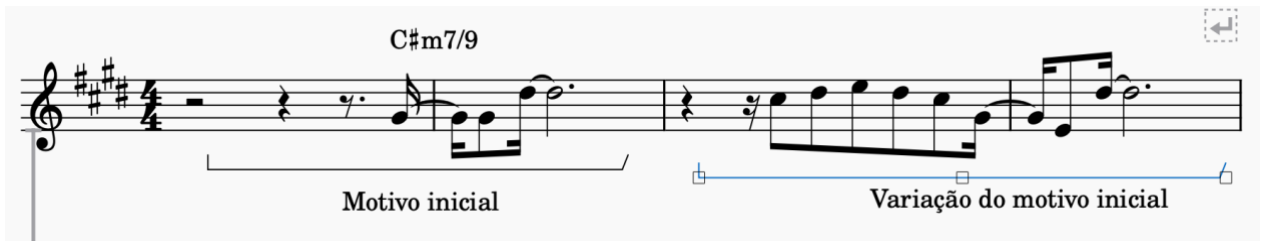


Figura 1 - Corra se puder; motivo e variação.

A divisão rítmica da melodia também acompanha a ideia da mão direita do violão. A síncopa empurra o tempo forte, trazendo uma sensação de que a música está sempre suspensa e como se estivesse correndo. A harmonia variando em dois acordes (C#m e F#m) cumpre seu papel de dar sustentação a história, deixando mais espaço para a letra, repetindo momentos e conduzindo o ouvinte com tensões e repousos alternando o tempo todo da primeira parte entre os graus I e IV.

A canção fala sobre as questões que permeiam uma vida, com altos e baixos, sem que possamos controlar, brincando com jogo de palavras e utilizando desse padrão rítmico também na letra e na forma como são divididos os versos. Acredito que, com este padrão "estabelecido", a letra da canção acaba ganhando mais notoriedade.

*Está no ar,
De frente pra um novo lugar
Intermitente como um temporal
Que lava, esconde, jorra, sem valor
Um paraíso torna um lamaçal*

A primeira parte retrata a ideia do nosso presente, que a cada instante nos deparamos com novas possibilidades, novos lugares, e de como não temos o controle das coisas, da própria dinâmica do estar vivo e lidando com novos problemas, improvisando soluções. "Intermitente como um temporal" é a relação de uma vida "normal", com alegrias e tristezas, nos mais variados momentos. Assim como um paraíso que pode virar um lamaçal de uma hora para outra.

*Esmaga, espanta, mata o seu motor
Destrói a vida que um dia foi*

*Vibrante como um bom trabalhador
Foi explorado em qualquer lugar*

Outro recurso que segui utilizando foi de comparações. O segundo verso traz bastante disso. Traço uma relação da ideia anterior do lamaçal com a vida como se fosse nosso motor. E o motor cria a relação com o trabalho e - por consequência - uma exploração. A estrofe se acaba num contexto trágico de continuidade do lamaçal sobre o paraíso.

Dentro desta realidade enfrentamos os mais diversos obstáculos na eterna "busca pela felicidade". Aí entra a questão do ciclo da vida. Os altos e baixos, os problemas e as soluções que por si só já representam um ciclo. A forma com que eu apresento essa ideia na música se deu através de uma repetição da letra de forma espelhada. E assim conto a história de trás para frente sem que ela perca o sentido.

*Mediante uma situação qualquer
Qualquer situação mediante, foi
Foi explorado em qualquer lugar
Vibrante como um bom trabalhador*

*Destrói a vida que um dia foi
Esmaga, espanta, mata o seu motor
Um paraíso torna um lamaçal
Que lava escorre, jorra, sem valor*

*Intermitente como temporal
De frente para um novo lugar
Como se fosse cantado ao revés
Está no ar*

Ao voltarmos para o começo e fechar a primeira parte da canção, vem o refrão. A harmonia descendente mantém a sensação de movimento. O mi bemol meio diminuto consagra a tensão que já está no ar desde o começo e o cromatismo criado conduz para um lugar mais misterioso ainda, pelo fato de estar descendo de meio em meio tom.

O refrão muda a ideia melódica, harmônica e também o tempo de fala. Enquanto na primeira parte o texto se desenvolve em terceira pessoa, fazendo referência a vida humana, o refrão estabelece uma conexão de fala direta com o ouvinte, se transformando

em uma mensagem através de relações de enfrentamento com os obstáculos. Enfrentar os problemas, fazer um estardalhaço para se livrar. Entrar no compasso no tempo do balanço, ou seja, jogar o jogo conforme a música, calçar a chuteira, amarrar o cadarço (na relação vida x jogo). Passar pelos problemas, atravessar a fronteira (os obstáculos) de forma inabalável, na referência do "peito de aço" onde nada nos atinge. Foram relações que criei através dessa ideia que traz o refrão.

*Faz o teu estardalhaço
Vai no tempo do balanço entra no compasso
Pega lá tua chuteira amarra esse cadarço
Atravessa essa fronteira com peito de aço (no meio do mato)*

A resolução da música em dois acordes, quase como uma parte C, é uma espécie de continuação do refrão. A tensão continua no ar, dessa vez representada também pela melodia em uma só nota e sendo repetida em semicolcheias em dois compassos, deslocando os acentos, encontrando os tempos fortes nos últimos momentos da música, representando uma resolução, chegar em algum lugar, trazendo um "chão". E a mensagem final, na mesma ideia do refrão, estabelece a mesma conexão com o ouvinte na perspectiva de vencer os problemas.



Figura 2 - Corra se puder; resolução.

Ao finalizar, me veio a referência de "Construção" do Chico Buarque. Pela divisão dos versos, pela ideia de desenvolvimento de um tema, pelo clima tenso que ela traz e pela forma de brincar com as palavras. A canção encerra entregando o nome escolhido que compra a ideia da vida versus seu ciclo: corra se puder!

*Busca teu espaço, vence teu cansaço
Pinta com teu traço, faz teu embaraço
Anda no teu passo, corra se puder!*

4. PARA ONDE VAI

Ouçã a cançã clicando [aqui](#).

Para onde vai

Brunno Bonelli

$\text{♩} = 56$ Swing

E F#7 A7M E7M/9

5 E F#7 Am6

8 E G#m Gm F#m Am6

12 F#7 F#m Bsus

15 E7M G#m A7M/9 E7M/9 F#7

18 F#m Bsus C7M Eb7M/9

21 C#7M/9 Gm7/b5 C7 F7M F#m7 B7/b9 E7M/9

26 Bm7 A7M

28 E7/9 Bm7 A7M

32 Am6 E7M/9 F#m7 Am6



PARA ONDE VAI

E F#7

Gosto de paixão no ar

A7M

Gosto quando pega sem sentir

E7M

Cheiro de terra molhada traz

F#7

Uma sensação discreta de paz

Am6

Diz que é sistante demais

E7M

Tanto pra ser porto ou ser cais

G#m Gm

F#7

E é pela janela que entra o nome dela

Am6

Com a brisa da manha, macia como lã

F#7

Que afaga a magoa, amarga a moda

Adaga a faca, branda, corta,

F#m

Xispa entorta assim

Sem jeito sai de mim

Bsus

Com cheiro de jasmim

E G#m

E se o tempo permitir

A7M/9 E7M

E se a vida enclausurar

F#7

Todo sentimento

Que nos sobre só os momentos

F#m **Bsus**

Mais bonitos mais intensos de outrora

I C7M | Eb7M/9 | C#7M/9 | Gm7/b5 C7 | F7M | F#m7 B7/b9 |

E7M

Não preciso métrica,

Bm7

Ouçõ uma poética

A7M **E7M**

Risco um traço, estética do grão

E7M

Vejo a linha encurvar

Bm7

Tão distante aproximar

A7M

Vejo paralelas, como folhas velhas

Am6

Que ao nosso acordar

E7M

Vão se reencontrar no chão

F#m

Que é pra onde

Am6

Guia pra onde

E7M/9

Para onde vai

A parte sentimental do trabalho aparece em "Para onde vai". Das canções que vieram para o projeto, essa foi uma que teve o processo de composição mais rápido. Em menos de trinta minutos estava no papel. A canção de um dia cinza, frio, que fala de amor, saudade, faz uma relação dos sentimentos com a natureza, relações bem particulares com possibilidade de interpretações mais diversas.

A primeira ideia surgiu com o auxílio do violão, acordes abertos, cordas soltas, soando bastante. Ao toque do primeiro mi maior veio a primeira frase e só parei na última. Uma referência muito forte no meu trabalho é a obra do Djavan, e neste tema bebo muito da fonte dele. As frases da primeira parte (Figura 3 - compasso 1 ao 14) tem um padrão rítmico de divisão e começam de forma descendente, tem uma leve subida e resolve

descendo. Quando executadas com swing me remetem um lamento, uma saudade, coisas que me inspiram.

The image shows a musical score for the first part of a piece. It is written in treble clef with a key signature of three sharps (F#, C#, G#) and a 4/4 time signature. The tempo is marked as ♩ = 56 and the style is Swing. The score consists of four staves of music, each with chord symbols written above it. The first staff (measures 1-4) has chords E, F#7, A7M, and E7M/9. The second staff (measures 5-7) has chords E, F#7, and Am6. The third staff (measures 8-11) has chords E, G#m Gm, F#m, and Am6. The fourth staff (measures 12-14) has chords F#7, F#m, and Bsus.

Figura 3 - Para onde vai; primeira parte.

A primeira frase é "responsável" pelas demais. O momento da criação fala muito das coisas que carregamos como referência, dos nossos estudos e das bagagens sonoras. Acredito que - ao mergulhar nas partituras - se abrem possibilidades infinitas de observações. Destaco as que acho mais pertinentes no contexto de criação do tema, tentando encontrar alguma lógica que - quando criada - se origina da mente criativa.

Então a análise da melodia me sugere que as frases conseqüentes tenham como base a ideia de desenvolvimento da primeira frase. A segunda frase (fig 2) é uma variação da primeira, a terceira frase é também variação da primeira, e a quarta frase uma variação da segunda, que já está dentro da primeira.

Musical score for "Para onde vai" (second phrase). The score is in 4/4 time, Swing, with a tempo of 56. It features two staves of music. The first staff contains measures 1-4, with chords E, F#7, A7M, and E7M/9. The second staff contains measures 5-8, with chords E, F#7, and Am6. The music is divided into four phrases: Frase I (measures 1-2), Frase II (measures 3-4), Frase III (measures 5-6), and Frase IV (measures 7-8).

Figura 4 - Para onde vai; segunda frase.

Falando sobre a forma, é uma música com começo, meio e fim, sem repetições, onde cada estrofe apresenta um tema diferente. Uma música de continuidade, que acontece, conta uma história, lembra um caso e até mesmo contextualiza um momento. Diferente das canções anteriores, aqui nem tudo tem uma explicação lógica. Um grande misto de sentimentos enrolados em metáforas. Como uma lembrança gostosa que vem sem que possamos perceber. Um dia atípico, um cheiro específico, uma lembrança de algo que um dia foi, que esteve firme na terra, que hoje sobrevoa o céu de um passado, que está distante demais.

A característica do jogo de palavras está sempre presente, tanto numa brincadeira rítmica, quase que percussiva, quanto numa palavra escrita exatamente igual mas com pronúncia diferente. A primeira frase fala de gosto, no sentido de sabor, enquanto a segunda leva o sentido do verbo gostar conjugado na primeira pessoa.

*Gosto de paixão no ar
 Gosto quando pega sem sentir
 Cheiro de terra molhada traz
 Uma sensação discreta de paz
 Diz que é distante demais
 Tanto pra ser porto ou ser cais*

A segunda estrofe mantém essa ideia de uma lembrança passageira, confortável, que entra pela janela como uma brisa, macia, aconchegante e, que, assim como entra

suave, passa por seu processo interno onde as palavras conversam entre si, com fonemas parecidos, representando esse processo de lembrança com momentos conturbados, mas que entra e "sem jeito sai de mim, com cheiro de jasmim". É um verso que usa bastante da poesia para descrever um momento através de sentimentos.

*E é pela janela que entra o nome dela
Com a brisa da manhã, macia como lã
Que afaga a magoa, amarga a moda
Adaga a faca, branda, corta,
Xispa entorta assim
Sem jeito sai de mim
Com cheiro de jasmim*

Até este momento a harmonia da primeira parte estava seguindo um padrão, na tonalidade de mi maior e, ao mudar de estrofe, a música ganha um novo tema. Um contraponto à primeira parte resumida por lembranças e lamentos. Como se o personagem dissesse "se a nossa vida segue, que ela siga da melhor forma". Então a segunda parte finaliza com um acorde de Si suspenso (Bsus) servindo como uma ponte para a estrofe seguinte que, apesar de seguir na tonalidade de mi maior, apresenta outra melodia mais saudosista, com notas longas, mais vibrante, mais de acordo com a parte que é cantada.

*E se o tempo permitir
E se a vida enclausurar
Todo sentimento
Que nos sobre só momentos
Mais bonitos, mais intensos, de outrora*

Aqui fica claro o desejo de tornar os sentimentos mais leves, a melodia mais arrastada, como o passar do tempo, esperançoso e otimista. Nesse ponto a canção modula para fá maior em um momento de passagem através da sequência harmônica seguinte, | C7M | Eb7M/9 | C#7M/9 | Gm7/b5 C7 | F7M | onde a melodia é descendente em todos os acordes e traz uma série de movimentos harmonicos até repousar no fá maior e, sobre uma cadência de II - V - I, voltar para a tonalidade de mi maior e seguir para a próxima estrofe.

A estrofe seguinte é metáfora e poesia. Brinca com os momentos distintos da canção, que está indo para o terceiro tema sem uma métrica padrão estabelecida desde o princípio e usando de relações e comparações não explícitas. Enquanto o "riscar um traço" é literal do momento em que estou escrevendo a canção, a estética do grão é a música como um todo, enquanto semente, um grão plantado com todo potencial de crescimento se bem tratado.

Ao finalizar a estrofe crio a relação do grão que virou árvore, da linha escrita que ficou torta, sobre as folhas velhas que caíram da árvore, em linhas paralelas que um dia vão se reencontrar no chão que é a simbologia de onde tudo começa, e o ciclo se fecha ou se abre novamente, conforme o ponto de vista do ouvinte.

*Não preciso métrica,
Ouço uma poética
Risco um traço, estética do grão
Vejo a linha encurvar
Tão distante aproximar
Vejo paralelas, como folhas velhas
Que ao nosso acordar
Vão se reencontrar no chão*

Faço questão de deixar em aberto muitas das possibilidades de interpretação que as coisas relacionadas com a arte podem ter. E a última parte da música, eu chamo de refrão pois é o momento da repetição literal de uma frase curta. Apesar de aparecer só por último, é a primeira informação que a música transmite: o seu nome. A dúvida que permeia esse projeto é a continuação da vida, e é o questionamento que deixo ao finalizar a canção. Brincando ainda com as palavras e as pronúncias tento fazer com que o ouvinte só entenda a ambiguidade ao ler a poesia. Por serem parecidos os fonemas da letra "Q" e da letra "G", aproveito para criar a última dúvida, no último verso.

*Que é pra onde
Guia pra onde
Para onde vai*

5. ONDE A MÚSICA LEVAR

Ouçã a canção clicando [aqui](#).

Onde a música levar

Brunno Bonelli

♩ = 86

F#m7 G#m7 C#7/b13
 5 F#m7 G#m7
 8 A7M B7M C#7M E7M C#m7M/9
 12 C° Bm7
 15 E7
 16 A7M Ebm7/b5 G#7/b13 C#m7M/9
 20 C° Bm7
 23 E7 A7M Ebm7/b5 G#7/b13
 26 A7M F#7M A7M C#7M A7M F#7M
 29 A7M C#7M

ONDE A MUSICA LEVAR

F#m7 **G#m7** **C#7/b13**

Descobri, na estrada um mundo a seguir, e calculei uns dias

Conhecer, uma história sem ter o porque, e circular,

A7M **B7M** **C#7M** **E7M**

sobre toda memória que o mundo nos dá

C#m7M/9

Tempestade, não vem somente do mar

C°

A riqueza, também pode te prejudicar

Bm7 **E7**

A certeza, do que se leva pra lá

A7M **Ebm7/b5** **G#7/b13**

Está na alma, na calma, do ser

C#m7M/9

Vale a pena, tudo experimentar

C°

Se for tarde, então não hesite em ficar

Bm7 **E7** **A7M**

Se é verdade lute pela permanência da ideia

Ebm7/b5 **G#7/b13**

E faça o que tem na cabeça

A7M **F#7M**

Eu vou para onde a música levar

A7M **C#7M**

Para, descobrir o que é que há

A7M **F#7M**

Para, despertar um novo olhar

A7M **C#7M**

Eu vou para...

A música que fecha o trabalho, coincidência ou não, é, entre aspas, a resposta das dúvidas que permeiam os pensamentos quando bate aquela indecisão sobre vida, caminhos e processos. "Onde a música levar" é o ponto mais alto do EP, e a canção que flerta mais com as origens das minhas referências musicais: a música negra. Apesar de gravada apenas como guia em voz e violão, a canção tem como base a ideia do *samba-funky*, gênero que mistura influências de ambos estilos, desenvolvido no Brasil na década

de 60, com o pianista Dom Salvador e o Grupo Abolição, que mais tarde se transformou na Banda Black Rio.

Ao finalizar essa etapa da graduação, minha vida de modo geral está sem rumo definido. E provavelmente vai ser organizada passando este processo. O tema fala exatamente sobre esses questionamentos e dúvidas que me faço em relação ao futuro. Acredito muito que essas questões fazem parte da vida de um grande número de musicistas também. E a resposta, no meu caso, sempre é a música. Em "Onde a música levar" eu exponho não mais os questionamentos, os medos e as dúvidas. Me dou suporte com mensagens otimistas, quase que como algo que eu gostaria de ouvir de alguém.

Desde 2010 a música é meu sustento e foi algo que sempre me enraizou em Porto Alegre através de um trabalho coletivo com a banda Calote. Isso vem mudando através de novas parcerias que faço em outros lugares desde 2015, que é fruto da minha vivência em Santa Catarina. Essa coisa de estar na estrada em determinados períodos me proporcionou conhecer muita gente e me deu mais vontade de conhecer muito mais lugares. Então posso dizer que essa música fala muito sobre o futuro que eu ando buscando.

*Descobri, na estrada um mundo a seguir, e calculei uns dias
Conhecer, uma história sem ter o porque, e circular,
sobre toda memória que o mundo nos dá*

A estrutura tem a forma popular (ESTROFE | PRE REFRÃO | REFRÃO) e compasso simples 4/4 mas, apesar disso, a primeira parte apresenta um compasso ternário. Um caminho diferente com o objetivo de dar um contraste, uma quebra de ideia, como um acidente de percurso. Coisas que normalmente acontecem na nossa vida e nos fazem mudar os rumos. Foi a forma simbólica que achei de terminar a primeira sessão e dar uma outra cor pro momento. A progressão IA7M B7M C#7MI dentro do compasso ternário sugere uma ideia de deslocamento para a próxima sessão de forma abrupta, causando a estranheza além do compasso, pela progressão em si.

A segunda estrofe traz uma reflexão mais intensa. A ideia de falar algo pra mim mesmo se faz muito presente. Parte do equilíbrio da vida está nos problemas somados às soluções. E eu digo isso dessa forma:

*Tempestade, não vem somente do mar
A riqueza, também pode te prejudicar
A certeza, do que se leva pra lá
Está na alma, na calma, do ser*

A tempestade traça uma relação com os problemas, que podem e vão aparecer, nunca vindo de uma mesma direção. Assim como as coisas boas, que nesse caso eu faço a comparação com a riqueza, e que nem sempre vão se traduzir somente em maravilhas. A morte aparece como a certeza que temos sobre a vida, e que, o que se leva pra lá são as experiências, as relações, os encontros, as histórias, coisas que enriquecem a nossa alma e nos fazem transcender durante o período da vida.

A harmonia desse trecho foi escolhida com a ideia de trazer um pouco de mistério ao questionar e falar sobre a profundidade que é pensar o rumo da vida. Utilizei do acorde menor com a sétima maior e fui descendo de forma cromática, como que representando um passo de cada vez em frente às adversidades, e numa descendente, causando a impressão de estar caindo sobre os problemas, fazendo o caminho do C#m/7M passar pelo C^o e pelo Bm, que vira o II grau e desenvolve no II – V – I para chegar no Lá maior, tonalidade do trecho.

Então a harmonia passa por esse período mais tenso quando fala sobre os momentos turbulentos de vida e na segunda metade da estrofe, quando cito a questão da leveza da alma, da calma, repousa no Lá maior com a 7^a maior, soando bem aberto, com cordas soltas, dando a sensação de um respiro.

Ainda no clima de mistério, a terceira estrofe é uma repetição harmônica e melódica da estrofe anterior. Segue na ideia de espalhar uma mensagem otimista e de esperança. De mim para mim mesmo. Cair no mundo, experimentar coisas novas, conhecer novos lugares, estar aberto para trocas, enriquecer a alma, usar da possibilidade que a vida proporciona, sensações e oportunidades sem valor estimado.

*Vale a pena, tudo experimentar
Se for tarde, então não hesite em ficar
Se é verdade lute pela permanência da ideia
E faça o que tem na cabeça*

Enfim, o refrão chega mudando novamente o clima da canção. Ao término da estrofe anterior acontece a cadência II – V (Ebm7/b5 G#7/b13) que sugere um repouso no C#m, mas que quebra ao levar para o refrão em lá maior.

A7M	F#7M
Eu vou para onde a música levar	
A7M	C#7M
Para, descobrir o que é que há	
A7M	F#7M
Para, despertar um novo olhar	
A7M	C#7M
Eu vou para...	

A harmonia do refrão foge do padrão no sentido que usa de empréstimos modais homônimos. No primeiro verso, o caminho natural de resolução seria o fá sustenido menor, e escolhi ir para o modo maior, com uma melodia adaptada a mensagem, um caminho não habitual, que cria uma relação também com os caminhos que a música nos leva quando nos permitimos. Da mesma forma na resolução da segunda frase, optando pelo dó sustenido maior com sétima maior.

A letra dispensa muitas explicações. Fala por si. Conhecer novos mundos, novas culturas e novos costumes através da música. Descobrir, despertar, seja para onde for, utilizar a música enquanto instrumento de conexão e de troca.

CONCLUSÃO

O projeto "Tempo, ciclo e canção" encerra um período que teve início em 2015. Foram oito anos dedicados ao estudo da música em vários aspectos. Desde a base da história da música, com o desenvolvimento das primeiras ideias de contraponto, passando por quatro semestres mergulhados em teoria e percepção, conhecendo ritmos brasileiros, trocando e tocando com os colegas através das práticas musicais coletivas, tocando com professores, desenvolvendo trabalhos novos com colegas, trazendo colegas para dentro de trabalhos pessoais, passando por experiências de estúdio, de improvisos, de composições, conhecendo harmonia de forma mais profunda, enfim, experiências imensuráveis mas que trouxeram uma bagagem de conhecimento e de maturidade musical para finalizar esta etapa.

Sempre encarei a oportunidade de estudar música com muito respeito e cuidado. O tempo de curso foi o dobro justamente por respeitar os momentos que vivi dentro da universidade. Quando os movimentos da vida me permitiram, optei por várias disciplinas, quando os compromissos me fizeram diminuir, baixei o ritmo, mas sempre me mantive ali naquele ambiente que me oportunizou uma série de vivências incríveis.

E a mesma vida que muitas vezes me fez escolher e priorizar outros trabalhos me permitiu finalizar o curso de música popular no melhor tempo: o nosso tempo. Sinto que é um momento de dar novos passos, desbravar novos lugares, seguir o estudo da música em outros universos mesmo fora da academia. As dúvidas e as inseguranças atuam na vida do músico profissional 24 horas por dia, e são elas que nos mantem em movimento. Que nos empurram pra frente em busca de nossos sonhos. Sinto que a música é essa injeção de ânimo diário na minha vida.

A dúvida mais presente é sobre o futuro, o sustento, a monetização do trabalho, lado a lado a vontade de praticar com excelência vários instrumentos. Essa última é a mais difícil de lidar, por nos colocar em cheque diariamente. E justamente por nos colocar em cheque, acho que ela me aproxima da minha realidade, que é o que eu trouxe como motivação para finalizar o curso. Sempre tive relação com vários instrumentos. Por gostar de ritmo e ter uma facilidade com eles, me aproximei da percussão e da bateria. Por meu principal instrumento ser o violão, me aproximei de outras cordas, como contrabaixo e

cavaco. Em paralelo, a questão de gostar muito do ambiente do estúdio, da gravação, também me aproximou desse universo. Então, nesses trinta e três anos de vida, posso dizer que tive contato com universos bem distintos musicalmente falando. E isso sempre foi muito bom, me senti sempre muito bem transitando por estes mundos.

Das inquietações que nos trazem respostas, neste momento de conclusão penso nas opções musicais que me agradam seguir e volto meu pensamento para um caminho que vejo como a saída principal: a composição. O estudo e a dedicação estão atrelados ao sucesso em toda e qualquer escolha da vida, ou quase toda. Realizando os mesmos estudos, cada um leva consigo sua memória e sua bagagem, e isso vai se traduz no som. Mas, para chegar no momento de traduzir isso em música, a caminhada é muito parecida. Os estudos são os mesmos para guitarristas, os mesmos para violonistas, para cantores, para produtores fonográficos, enfim.

E sempre que busco me aperfeiçoar musicalmente, faço um caminho reverso na cabeça que – invariavelmente – chega na composição como resposta. Para ser um instrumentista referência - que é algo que eu gostaria de ser em vários instrumentos - necessitaria um tempo de uma vida toda voltada aos estudos primordiais, em qualquer que fosse a escolha de instrumento. Anos e anos de dedicação a fio talvez não me fariam chegar nem perto dos grandes mestres que admiro.

A luta por se destacar, ter um diferencial nessa proposta mundana, quando eu enxergo assim, volta as atenções para a minha composição. Vejo que ela é o que eu faço que pode me destacar dentre os demais. Não que isso seja uma busca pessoal. Para mim, sucesso é ter as contas pagas, trabalhar com o que gosta e poder curtir momentos de lazer, e não necessariamente ser melhor do que alguém. Mas dentro da ideia de poder transmitir minha mensagem para um maior número de pessoas, vejo essa possibilidade através do meu trabalho.

Sei que existem muitos estudos, teorias e práticas sobre a canção, sobre a composição, sobre as melodias, harmonias, o que soa bem para um determinado público, mas também sei que existe um algo a mais que nem sempre vai estar presente num método ou numa cartilha. E é nesse momento, nesse vácuo, que vejo um potencial de explorar mais a minha composição.

Encerro este ciclo muito muito satisfeito com as oportunidades que a faculdade de música me deu, do meu reencontro com a composição e de poder acabar esta etapa usando minha forma de expressão musical. Ao compor o projeto "Templo, ciclo e canção" voltei para o ano de 2015, relembrei minha entrada na UFRGS, revivi momentos, lembranças que certamente me auxiliaram e me inspiraram na produção do trabalho.

Em "Papel em branco" eu voltei para o primeiro dia de aula com o professor Celso botando "Wave" para tocar e fazendo alguns olhos brilharem. Trouxe minhas inquietações, minhas dúvidas e minha vontade de passar por aquele "pressentimento que fala desse meu lamento e que vive a me provocar". A composição que abre o trabalho traz muito sobre o ciclo da vida que fascina, inquieta, avança, retorna e segue. "Sigo. Para onde vou? Sei lá."

"Doze notas" me colocou novamente nos intervalos dos primeiros semestres, em roda, com o cavaco em punho, cantando e tocando a alegria de estar ali. Ao mesmo tempo é um canto de agradecimento ao samba e as possibilidades que eu tive sempre que atuei em nome dele. Trouxe também contextos históricos e encerrei saudando essa cultura popular que nos une enquanto nação.

A terceira faixa "Corra se puder" me deu a liberdade de falar sobre os ciclos que envolvem a vida e de poder experimentar um formato de letra que acontece e depois retorna sobre o mesmo texto, em ordem inversa, traçando um paralelo com a questão do nosso dia a dia, e de como os ciclos se repetem em outras ordens ou outros contextos. Uma faixa que me remete muito a época de meio de curso, que tive momentos de baixa atuação na universidade, alguns trabalhos me fizeram optar por diminuir o ritmo das disciplinas e que, quando ouço, me traz muito o clima da cidade, de literalmente correr para não ser engolido. Se puder.

"Para onde vai" traz para o trabalho o amor, a saudade, lembranças, metáforas e poesia. Um misto de realidade com ficção, um pouco de sentimento e um pouco de imaginação. A relação do meu momento de vida, de um período de reta final de curso, a questão dos ciclos que se faz muito presente no trabalho junto da dúvida sobre o amanhã. Da folha que nasceu no chão através da semente plantada e que volta ao chão no fim do seu ciclo.

Após tantas dúvidas que permearam o trabalho, seguido da canção que questiona para onde vai, vem a última faixa no formato de resposta: "Onde a música levar". A canção que encerra o projeto foi pensada na certeza do próximo passo ser musical. Falo da vontade de ir adiante, passar para uma nova fase, encarar novos rumos e novos desafios. O encerramento do curso me permite partir para essa nova etapa com fé na arte e na música, nas vivências, nas experiências e no ciclo que recomeça.

"Tempo, ciclo e canção" faz a referência do nome utilizando as siglas TCC mas, mais do que isso, traz esse recorte de oito anos de UFRGS traduzido durante este tempo, falando muito sobre ciclos em forma de canções. Dentro da lista de várias ideias para construir a sigla TCC, esta veio depois de ter escrito todo trabalho, no momento da conclusão, onde revisito as faixas e vejo esta relação mais clara sobre o que abordo nas letras.

O projeto me aproximou novamente da composição e me fez acreditar mais nelas. Com a certeza de que devo investir mais energia para passar minha mensagem através da música. Pude compor, pensar num contexto e, ao mesmo tempo, deixar fluir, receber as ideias e muitas vezes transcender às ideias, usando da partitura, entendendo caminhos, percebendo padrões e sem necessariamente pensar previamente em padrões, e assim construí um EP com cinco faixas falando sobre um momento muito importante que passei na vida acadêmica cursando o bacharelado em música popular na UFRGS.

REFERÊNCIAS GERAIS

- ABREU, C. S. Folhetim, de Chico Buarque: um olhar sobre a construção de identidades de gênero e situações de performance. In: STEIN, Marília; RAJOBAC, Raimundo; PRASS, Luciana (Org.). **Anais.../I Encontro Brasileiro de Música Popular na Universidade**: o estado da arte do ensino de música popular nas universidades brasileiras – I MusPopUni. Porto Alegre: Marcavisual, 2015.
- BORGES, Gabriela Lery. “**Roda-Gigante**”: da composição das canções à performance pública. 2016. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Música). Departamento de Música. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/151269> . Acesso em 15/01/2023.
- DREYER, Felipe Helmuth Guimarães. A experiência do baterista na gravação do dvd “fórmula da felicidade”. 2022. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Música). Departamento de Música. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2022. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/249829> . Acesso em 18/01/2023.
- A ÉPOCA de ouro da Música Popular. In: Memorial da Democracia. 2015-2017. Disponível em <http://www.memorialdademocracia.com.br/cultura/era-de-ouro> . Acesso em 13/01/2023.
- NAVES, Santuzza C. **Canção Popular no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2010.
- PELO Telefone (1916). In: Enciclopédia Itaú Cultural. Música. Atualizado em out. 2022. Disponível em <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra7091/pelo-telefone-1916> . Acesso em 22/01/2023.
- RODRIGUES, Cristiano Corrêa. “**A concha que revela**”: home studio e historicidade. 2019. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Música). Departamento de Música. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/206735> . Acesso em 20/01/2023
- TATIT, Luiz. **Semiótica da canção**: Música e Letra. São Paulo: Ed. Escuta, 1994.
- _____. **O cancionista**: composição de canções no Brasil. São Paulo: EDUSP, 1996.
- _____. **Musicando a semiótica**: ensaios. São Paulo: Annablume, 1997.